



## A DIFICULDADE NA DESCONSTRUÇÃO DA CONCEPÇÃO TRADICIONAL DE ENSINO

TAMIRES JARA GOULART<sup>1</sup>; PATRICIA PEREIRA CAVA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – tamigoulartjr@gmail.com

<sup>3</sup>Univeridade Federal de Pelotas – patriciapereiracava@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal relatar as dificuldades encontradas, no período de estágio, na desconstrução da concepção tradicional de ensino que foi fortemente percebida durante as observações em uma escola municipal de Pelotas. Desde o início das observações, na escola onde desenvolveríamos o estágio, foi possível perceber como a concepção tradicional de ensino, utilizada desde o início da “construção” das instituições públicas, estava presente na rotina da sala de aula e nas atividades propostas pela professora titular da turma.

Quando falo em concepções tradicionais, refiro-me à ideia inicial das instituições de ensino que era de controlar e manipular a população através da seleção proposital de conteúdos que visavam limitar o pensamento crítico.

Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. (SAVIANI, 1991. p.18)

As concepções tradicionais estão tão enraizadas nas práticas escolares que se torna um trabalho árduo desconstruir algumas ideias colocadas nas cabeças dos alunos pelos professores. Professores estes que ainda acreditam que são detentores do conhecimento e que os alunos estão na escola apenas para decorarem o que lhes é passado. Parece que alguns educadores ainda acreditam na teoria da *tabula rasa* defendida por John Locke (1690) e enxergam os alunos como uma folha em branco, sem conhecimento algum.

Os professores exerciam um papel de “treinadores do conhecimento” em que os alunos eram treinados a saberem o que a escola achava que eles deveriam saber. O que mudou? Quase nada! Nessa perspectiva:

[...] O ensino e a aprendizagem são pólos dicotômicos: o professor jamais aprenderá e o aluno jamais ensinará. Como diz um professor ao responder à pergunta “qual o papel do professor e qual o do aluno?": “O professor ensina e o aluno aprende; qual é a tua dúvida?”, Ensino e aprendizagem não são pólos complementares. A própria relação é impossível. É o modelo, por excelência, do fixismo, da reprodução, da repetição. Nada de novo pode – ou deve – acontecer aqui. (BECKER, 2001, p. 18)



Segundo Becker (2001, p. 17), o professor com este pensamento “[...] acredita no mito da transferência do conhecimento: o que ele sabe pode ser transferido ou transmitido para o aluno. Tudo o que o aluno tem que fazer é submeter-se à fala do professor [...]”. O grande problema é este pensamento permanecer mesmo com tanto acesso à informação e estudos relacionados ao conhecimento e à aprendizagem dos alunos. Se já está comprovado que essa concepção de “transferência de conhecimentos”, não funciona, baseado no índice de reprovação dos alunos, por que os professores continuam a reproduzir essa abordagem?

Becker (2001, p. 17) explica que essa ação é “legitimada, ou fundada teoricamente, por uma epistemologia, segundo a qual o sujeito é totalmente determinado pelo mundo do objeto ou pelos meios físico e social. Quem representa este mundo, na sala de aula, é, por excelência, o professor”.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Práticas Educativas IX Estágio em Docência no curso de Licenciatura em Pedagogia. Inicialmente foram feitas observações sobre as práticas realizadas pela professora titular e após iniciamos nosso estágio como docentes (o estágio foi realizado em dupla).

A inquietação sobre a desconfiança dos alunos quanto às nossas tentativas de construirmos com eles um trabalho diferenciado, e voltado aos interesses e necessidades dos alunos, levou-me a refletir sobre como as concepções de ensino, vivenciadas até aqui por estes alunos, influenciam fortemente na forma como eles enxergam o professor dentro da sala de aula. Os alunos já tinham uma ideia de qual era o “papel do professor” e qual era o “papel dos alunos”, o professor mandava e os alunos obedeciam. A partir daí, procuramos apoio em autores que pudessem nos explicar melhor os motivos dessas atitudes e como reverter o que estava imposto à esses alunos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As concepções tradicionais foram fortemente percebidas nas posturas dos alunos no decorrer do estágio. Mesmo o estágio sendo realizado com outra turma (que não a observada), mas com a mesma professora, foi possível observar claramente como essas concepções se referem à ideia de educação adotada por esta escola e reproduzida pelos professores.

Quando chegamos para a prática do estágio com uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, com 16 alunos, inicialmente não precisávamos dizer nada, eles mesmos se organizavam na fila, procuravam seus lugares, sentavam em silêncio e esperavam a ordem dos professores sobre o que fazer. Esse comportamento não era só em relação à postura, mas na forma como as aulas eram conduzidas. Nas aulas de matemática, por exemplo, a cada proposta de resolução de problemas, ou jogos e outras atividades, ouvíamos insistentemente dos alunos a seguinte pergunta “e as continhas?”. Os alunos não participavam das aulas porque anteriormente não tinham espaço para exporem suas opiniões. Quando se depararam com uma “nova forma” de aprender, os alunos ficaram confusos e, muitas vezes, agitados, pois, tudo era novidade.



Macedo (1994, p. 59), afirma ser importante quatro pontos para a formação do professor:

Primeiro: É importante para o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica. Segundo, ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente. Terceiro, adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor. Quarto, ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características de aprendizagem de seus alunos.

Ao iniciar as atividades do estágio, percebemos claramente qual seria nosso maior desafio: desconstruir a ideia de que só os professores sabem e os alunos não conhecem nada se nunca viram o tema antes. Começamos então a nos questionarmos sobre nossa prática e como auxiliaríamos os alunos a se tornarem mais independentes e “donos” do seu processo de aprendizagem. Passamos então a tentar desafiar os alunos quanto ao que já sabiam e o que mais poderiam saber. Trabalhamos com temas que se tornaram projetos, pensados juntos com os alunos, baseados nos interesses deles. Respeitávamos seus conhecimentos prévios tentando descobrir o que já sabiam sobre o tema (o que sabemos?), despertávamos a curiosidade deles sobre novas aprendizagens relacionadas ao que seria trabalhado (o que queremos saber?) e propusemos que criassem suas próprias estratégias para construir o conhecimento (como vamos descobrir?), possibilitando, desta forma, que as aprendizagens fossem mútuas e nos auxiliassem a conduzir a prática de estágio de uma forma em que o que era ensinado fosse realmente significativo para os alunos e para nós enquanto futuros educadores. Portanto, entendemos que para desconstruir a concepção tradicional imposta aos alunos, pela escola e por meio de reprodução da concepção tradicional adotada pelos professores, deveríamos embasar nossos estudos e atividades na concepção construtivista.

O professor construtivista não acredita no ensino, em seu sentido convencional ou tradicional, pois não acredita que um conhecimento (conteúdo) e uma condição prévia de conhecimento (estrutura) possam transitar, por força do ensino, da cabeça do professor para a cabeça do aluno. Não acredita na tese de que a mente do aluno é tabula rasa, isto é, que o aluno, frente a um conhecimento novo, seja totalmente ignorante e tenha de aprender tudo da estaca zero, não importando o estágio do desenvolvimento em que se encontre. Ele acredita que tudo o que o aluno construiu até hoje em sua vida serve de patamar para continuar a construir e que alguma porta se abrirá para o novo conhecimento - é só questão de descobri-la; ele descobre isso por construção. (BECKER, 2001, p.22)

Com vários erros e acertos, conseguimos aos poucos desconstruir essa ideia de que só pode fazer o que os professores mandam, construímos com os alunos nosso próprio jeito de trabalhar em equipe. Enquanto educadores entendíamos que o mais importante não era saber o que os alunos aprenderam ou não, mas sim o que eles foram desenvolvendo a partir de suas descobertas, pois, “[...] toda aquisição nova consiste em assimilar um objeto ou uma situação a um esquema anterior aumentando assim esse esquema” (PIAGET, 1973, p. 66).



A falta de confiança e autoestima dos alunos muito tem a ver com a desvalorização dos conhecimentos dos educandos. Os professores precisam rever seus conceitos sobre o conhecimento para que seja possível uma real interação com os alunos. “Aprendizagem é, por excelência, construção; ação e tomada de consciência da coordenação das ações. Professor e aluno determinam-se mutuamente”. (BECKER, 2001, p.22)

#### 4. CONCLUSÕES

O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de relatar a forma como a “concepção tradicional”, que não auxilia no desenvolvimento dos alunos, ainda é constante na prática dos professores. A discussão teórica mostra como essas práticas ainda permeiam as salas de aula e, muitas vezes, sem que o professor possa se dar conta do que está reproduzindo. Acredito que com a discussão tenha ficado claro o quanto ainda temos que refletir sobre as práticas docentes e investir na formação dos professores para a construção de uma educação de qualidade.

A experiência do estágio me fez perceber como é importante estarmos certos do que pretendemos enquanto educadores. É inadmissível que continuemos a reproduzir a forma como fomos ensinados. A escola há muito já não é mais atrativa para os alunos visto que os mesmos não podem decidir nem questionar o que está sendo ensinado a eles. Essa geração tem um enorme acesso a um monte de informações enquanto que na escola essas informações são limitadas, ultrapassadas e desinteressantes. Estar fora da escola se torna mais vantajoso e atraente, isso é um grande risco e um desrespeito com os alunos.

A relevância deste trabalho se dá pela reflexão sobre as práticas docentes e a possibilidade de desconstruir um modelo de ensino que não prioriza o amplo desenvolvimento dos alunos. Mesmo com as dificuldades encontradas no estágio (falta de tempo para reorganizar planejamentos, poucos materiais, dificuldades no diálogo entre estagiários e escola, desvalorização do professor, invisibilidade do aluno estagiário, entre outras) foi possível desenvolver uma prática docente reflexiva que possibilitava mudanças e aprendizagens no “fazer pedagógico”. Essa é a importância do estágio, “desestabilizar” o aluno para que ele busque alternativas para encontrar novamente uma forma de se estabilizar, pois, será constantemente testado durante sua prática em sala de aula. Refletir sobre seu próprio trabalho também é fazer pedagogia, e essa reflexão talvez seja o que falta para que as escolas realmente proporcionem aos alunos uma aprendizagem ampla e significativa.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- MACEDO, L. Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- PIAGET, J. Problemas de psicologia genética. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- SAVIANI, D. Escola e democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.